



“É a fome que te faz morrer, não a doença!” As trabalhadoras agrícolas entre o martelo da precariedade e a bigorna da COVID-19: impactos e estratégias de sobrevivência¹

Zhour Bouzidi²

El Hassane Abdellaoui³

Tradução: Marcos Roberto Pina⁴

Resumo: Este artigo analisa o impacto da COVID-19 na situação socioeconômica das mulheres trabalhadoras agrícolas nas planícies de Sais e Gharb e as estratégias de enfrentamento que elas mobilizaram para lidar com a pandemia. A grande maioria das mulheres entrevistadas continuou a trabalhar em um ambiente repleto de riscos e incertezas. Diante da redução das oportunidades de emprego, do risco constante de contaminação, da estigmatização e das dificuldades em sustentar as suas famílias, as trabalhadoras mobilizaram várias formas de adaptação para garantir sua sobrevivência e a de suas famílias. Destacar essas capacidades de adaptação e resiliência nos permite repensar o papel e as condições de trabalho dessa categoria esquecida das políticas públicas.

1 Tradução de Marcos Roberto Pina do texto original: “« C’est la faim qui fait crever, ce n’est pas la maladie! » Travailluses agricoles entre le marteau de la précarité et l’enclume de la COVID-19: impacts et stratégies d’adaptation” publicado em Alternatives Rurales em abril 2021.

2 Université Moulay Ismail – z.bouzidi@umi.ac.ma – <https://orcid.org/0000-0002-5921-6653>

3 Ecole Nationale d’Agriculture de Meknè.

4 Faculdade de Educação FE – Universidade de Campinas (UNICAMP) Campinas – Brasil – pinaroberto1@gmail.com – <https://orcid.org/0000-0002-8797-7660>

Palavras chaves: COVID; Trabalhadores rurais; Marrocos.

It's the hunger that kills you, not the disease!' Female agricultural workers between the hammer of precarity and the anvil of COVID 19: impacts and survival strategies

Abstract: *This paper analyzes the impact of COVID-19 on the socio-economic situation of women farm workers in the Saiss and Gharb plains and the coping strategies that these women have mobilized to deal with it. The vast majority of the women interviewed continued to work in an environment fraught with risk and uncertainty. Faced with reduced employment opportunities, the constant risk of contamination, stigmatization, and difficulties in providing for their families, the women workers mobilized various forms of adaptation to ensure their survival and that of their families. Highlighting these capacities for adaptation and resilience allows us to rethink the role and working conditions of this category forgotten of public policy.*

Keywords: COVID; rural workers; Morocco.

“Es el hambre lo que te mata, no la enfermedad!” Las trabajadoras agrícolas entre el martillo de la precariedad y el yunque de la COVID 19: impactos y estrategias de afrontamiento”

Resumen: Este trabajo analiza el impacto del COVID 19 en la situación socioeconómica de las trabajadoras agrícolas de las planicies de Saiss y Gharb y las estrategias de afrontamiento que estas mujeres han movilizado para hacerle frente. Sin embargo, la gran mayoría de las mujeres entrevistadas siguieron trabajando en un entorno repleto de riesgos e incertidumbre. La reducción de las oportunidades de empleo, el riesgo constante de contaminación, la estigmatización y las dificultades para mantener a la familia han generado problemas económicos y psicológicos. El trabajo agrícola sigue siendo la única fuente de ingresos a falta de otras alternativas. Por otro lado, a pesar de la precariedad, las trabajadoras movilizan diversas formas de adaptación para garantizar su subsistencia y la de sus familias. Destacar estas capacidades de adaptación y resiliencia permite repensar el papel y las condiciones de trabajo de esta categoría olvidada del desarrollo y de las políticas públicas.

Palabras clave: COVID, trabajadores rurales, Marrocos

Introdução

Em junho de 2020, as estatísticas do Ministério da Saúde mostraram um aumento súbito e exponencial de novos casos de contaminação por coronavírus no Marrocos, com mais de 800 casos registrados num único dia. A situação parecia estar sob controle até então, com as medidas colocadas em prática desde os primeiros casos de COVID-19 em março de 2020 (Saih, 2020). A origem desse pico foi um surto de transmissão em Lalla Mimouna, na zona costeira de Gharb, em três grandes unidades de produção e processamento de frutas vermelhas.

Essas unidades empregam uma força de trabalho majoritariamente feminina. Um hospital de campo foi instalado na área e medidas de isolamento foram postas em prática nos vilarejos de onde essas trabalhadoras agrícolas vêm. Em 22 de julho de 2020, o comunicado emitido pelo procurador do rei na corte de primeira instância de Souk Larbaa du Gharb revelou inúmeras violações das normas e medidas sanitárias decretadas pelas autoridades públicas para conter a pandemia. Os gerentes das três unidades e os transportadores foram processados por violação do art. 4 da Lei sobre o estado de emergência sanitária (Bellarbi, 2020).

Se as situações de pandemia confrontam os trabalhadores com riscos sócio-econômicos e psicológicos comprovados, seu impacto é ainda mais forte nas categorias sociais mais vulneráveis, particularmente as do setor informal. A pobreza, a escassez de oportunidades de emprego e a ausência de direitos sociais os tornam ainda mais vulneráveis e os expõem à necessidade imperativa de encontrar um meio de vida diário. As condições precárias dos trabalhadores do setor informal são assim exacerbadas pelo início muitas vezes repentino de uma pandemia como a COVID-19. A situação das trabalhadoras agrícolas é particularmente confusa, pois o setor agrícola não é sequer contado enquanto um setor informal e, não obstante, a maioria das trabalhadoras não é declarada e trabalha sem contrato ou cobertura da previdência social, com exceção da mão-de-obra permanente recrutada pelas grandes propriedades capitalistas.

Diante do dilema da escolha entre segurança sanitária e manutenção da atividade econômica, o compromisso pode ser doloroso para os Estados. Foi o caso do governo marroquino, o qual, desde o início, priorizou as medidas de restrição de circulação para limitar o risco de uma disseminação incontrolável e desproporcional da COVID-19. A alta virulência dessa pandemia impôs, portanto, um período de restrição de mais de três meses e um congelamento em larga escala da atividade econômica.

Essa escolha ocorreu em detrimento da atividade econômica, que foi visivelmente retardada. No entanto, apesar dos esforços da população para respeitar o confinamento, essa medida não foi de fácil implementação nos bairros populares e áreas agrícolas onde existe uma concentração de trabalhadores precários que vivem geralmente na informalidade e em constante busca de uma renda diária medíocre e instável, mas indispensável para a sua sobrevivência.

Esse é o caso da força de trabalho agrícola, que foi duramente atingida primeiro pelos efeitos da seca que caracterizou a estação agrícola de 2019-2020 e depois pela crise sanitária. As trabalhadoras agrícolas, que são particularmente precárias, são afetadas por essas freqüentes crises no meio rural (Bouzidi, 2011; Árab e Bouzidi, 2020).

O trabalho agrícola expõe essas mulheres a muitas formas de violência: física, verbal, psicológica e sexual (Árab, 2018). Embora elas sejam invisíveis, as trabalhadoras estão no centro dos sistemas de produção agrícola mais intensivos e menos ecológicos (Hellio, 2008). A precariedade é ainda mais acentuada quando as mulheres enfrentam o risco da COVID-19 e assim se veem duplamente marginalizadas sem proteção, contrato ou direitos sociais (Bouzidi, 2020; Bouzidi e Árab, 2020, Árab e Bouzidi, 2020).

Por um lado, elas têm que lidar com a redução ou ausência de oportunidades de emprego e com os riscos envolvidos no trabalho. Por outro lado, elas devem prover as necessidades básicas de suas famílias pobres na ausência da possibilidade de acesso à ajuda pública dependente da filiação ao CNSS (Fundo Nacional de Seguridade Social) ou ao sistema RAMED (Medical Assistance Scheme for the Economically Deprived) fundado nos princípios da solidariedade nacional e da assistência social para os mais pobres.

Além disso, nesse contexto de crise pandêmica e incerteza sobre as condições de trabalho e o medo diário de serem contaminadas pelo vírus, é importante mostrar como essas trabalhadoras agrícolas não atravessam passivamente essa situação. Entretanto, ao contrário, mobilizam estratégias de adaptação a fim de superar os constrangimentos psicológicos, sociais e econômicos para continuar a sobreviver e mesmo sustentar as suas famílias (Árabe e Bouzidi, 2020). É dessa perspectiva que esse artigo propõe analisar o impacto da crise sanitária sobre as trabalhadoras agrícolas e as estratégias que elas empregam para sobreviver à pandemia.

O objetivo do nosso estudo é duplo. Em primeiro lugar, não se trata apenas de tornar essas trabalhadoras visíveis, revelando suas condições socioeconômicas obviamente muito difíceis (Bouzidi et al., 2011). Em segundo lugar, é uma questão de atestar sua presença ativa e necessária para a sustentabilidade das

fazendas, particularmente no contexto de uma crise sanitária em que a segurança alimentar pode ser muito comprometida. É a esse respeito que as políticas públicas são mobilizadas para repensar o status legal do trabalho agrícola em geral e das trabalhadoras agrícolas em particular, para que os seus direitos humanos sejam de fato reconhecidos (respeito, dignidade, salário decente, previdência social, aposentadoria etc.). Essas mulheres trabalhadoras agrícolas são atores indispensáveis na economia agrícola e nas dinâmicas dos territórios rurais e suburbanos.

Método

Para analisar o impacto da crise de saúde nas mulheres trabalhadoras rurais e as estratégias que elas utilizam para enfrentá-la, optamos por uma abordagem qualitativa baseada em duas fases. A primeira fase consistiu em entrevistas semi-estruturadas com 60 trabalhadoras agrícolas nas planícies de Saiss e Gharb, duas regiões com forte dinâmica agrícola e um atrativo de mão-de-obra devido à irrigação e intensificação da agricultura. Buscamos analisar a categoria de trabalhadoras agrícolas em toda sua diversidade, levando em conta a idade, estado civil, trajetória, experiência social e as atividades agrícolas realizadas (horticultura, arboricultura, frutos vermelhos etc.) e também a mobilidade (trabalhadoras que trabalham no Marrocos, trabalhadoras envolvidas em uma dinâmica migratória circular entre o Marrocos e a Espanha).

Essas pesquisas se inscrevem em um projeto de pesquisa coordenado pelo primeiro autor⁵ e financiado em 2020 pelo CNRST (Centre National de Recherche Scientifique et Technique). As entrevistas começaram em março de 2020 (início do confinamento) por meio de entrevistas telefônicas com trabalhadoras com as quais já havíamos trabalhado em pesquisas anteriores realizadas desde 2018. As entrevistas presenciais continuaram depois do confinamento em julho de 2020 até janeiro de 2021. Uma dezena de entrevistas também foram conduzidas com empregadores, sindicatos agrícolas e gerentes rurais para caracterizar as estratégias implementadas em termos de recrutamento e proteção dos direitos dos trabalhadores.

A fim de aprofundar as nossas entrevistas, analisamos as histórias de vida de 15 trabalhadoras escolhidas entre as 60, de acordo com a diversidade de suas origens e as estratégias de enfrentamento que implementaram para lidar com a

5 A primeira autora já coordenou dois projetos de pesquisa sobre trabalhadoras agrícolas: o primeiro entre 2008-2010, financiado pelo Population Council, e o segundo em 2018-2019, com financiamento da OSF nas regiões do Gharb e Saiss.

crise sanitária. As histórias de vida foram conduzidas durante o mês de fevereiro de 2021 e exigiram várias visitas à mesma pessoa a fim de coletar o máximo de informações possíveis e responder nossas perguntas sobre: 1) quando e como essas trabalhadoras agrícolas tomaram conhecimento da COVID-19; 2) qual foi o impacto do coronavírus em sua situação socioeconômica; e 3) até que ponto essas mulheres eram capazes de gerenciar o risco socioeconômico associado à COVID-19?



Foto 1: Colheita de ameixas por trabalhadoras na região de El Hajeb (foto de Z. Bouzidi, 2018).

O trabalho agrícola no Marrocos: centralidade e marginalidade

A agricultura representa um setor chave na economia marroquina e gera em média 14% do Produto Interno Bruto (PIB), ou seja, aproximadamente 14 bilhões de dirhams. O emprego rural representa 80% do emprego em nível nacional e a agricultura é o primeiro setor a proporcionar emprego no país (4 milhões de pessoas ativas). As mulheres participam em 23,5% do emprego em nível nacional, 18,9% em áreas urbanas e 39,9% em áreas rurais (HCP, 2021). A feminização do setor agrícola é cada vez mais evidente no setor agroindustrial (Nieto, 2012), bem como nos *moquefs*, que são os lugares onde os trabalhadores agrícolas se reúnem nas primeiras horas da manhã na esperança de serem selecionados pelos empregadores (Chattou, 2019).

Entretanto, as condições de trabalho das trabalhadoras permanecem precárias em sua maioria: baixos salários, uma marcante falta de direitos sociais e exposição à violência nas fazendas que as recrutam (Bouzidi et al., 2011). As mulheres constituem uma força de trabalho que é percebida como dócil, mal remunerada e explorada (Bouzidi et al, 2011; Arab, 2018; Bossenbroek, 2019). A precariedade dessas mulheres foi exacerbada durante a pandemia (Bouzidi, 2020). As estatísticas do HCP (2021) mostram os efeitos desastrosos da pandemia, combinados com a seca que caracterizou o ano 2020, em todos os setores econômicos e no emprego rural em particular. Assim, mais de 432.000 empregos foram perdidos em 2020, incluindo 295.000 em áreas rurais e 137.000 em áreas urbanas (HCP, 2021). Os setores agrícola, florestal e da pesca perderam 273.000 empregos em nível nacional.

A perda de emprego tem sido acompanhada por uma queda no volume de trabalho por hora e um aumento do desemprego, subemprego e inatividade. A taxa de desemprego entre as mulheres rurais subiu de 2,7% em 2019 para 3,9% em 2020 (ibid). Pouco se sabe sobre a situação das trabalhadoras agrícolas devido à informalidade das condições de trabalho, sua sazonalidade e a virtual ausência de estatísticas e estudos quantitativos dedicados a essa categoria social, essencial para o desenvolvimento agrícola e rural.

Resultados

A COVID-19: Impactos sobre as experiências das trabalhadoras rurais

Em 20 de março de 2020, o governo marroquino declarou estado de emergência e impôs um bloqueio geral após o surgimento dos primeiros casos confirmados do coronavírus. Desde então, foram adotadas medidas rigorosas para conter a propagação do vírus: proibição de reuniões e viagens sem autorização oficial e incentivo a regras rigorosas de higiene e distanciamento físico.

Normalmente, o circuito de mão-de-obra agrícola é organizado ao redor do *mouquef*, derivado da palavra *waqef* ou “de pé”, que designa o local onde a mão-de-obra agrícola se reúne, em pé desde as 4 da manhã para esperar a chegada dos empregadores que os transportam para as fazendas.

De acordo com a situação, o trabalho é diário ou por tarefa. Em áreas agrícolas, onde há uma grande força de trabalho, como Bouderbala na planície de Saiss, várias centenas ou até milhares de trabalhadores vão ao *mouquef* todas as manhãs, na esperança de conseguir um dia de trabalho. As mulheres geralmente vão para lá em pequenos grupos de amigos, vizinhos ou familiares para

se proteger de ataques freqüentes, para negociar o recrutamento de grupos e para ajudar uns aos outros dentro das fazendas. O grupo pode representar uma forma de proteção, solidariedade ou controle social, sobretudo, para as jovens trabalhadoras acompanhadas por suas mães, tias ou vizinhas.

A introdução de restrições sanitárias perturbou essa organização do trabalho, que se baseava em um alto grau de proximidade e interação no *mouquef*, nos meios de transporte e no local de trabalho. Como resultado, as reuniões eram proibidas e os *mouquefs* eram estritamente controlados pelos policiais e autoridades. Os veículos de transporte de mão-de-obra, geralmente sobrecarregados, não podiam exceder a metade de sua capacidade. A oferta de mão-de-obra foi assim visivelmente reduzida, impactando diretamente nos meios de sobrevivência dessas pessoas e das famílias que delas dependem.

“Nossa situação já muito miserável piorou com a corona. As autoridades controlavam o mouquef, os agricultores limitaram o número de trabalhadores porque é mais caro transportar menos trabalhadores em veículos, especialmente durante este ano de seca e doenças” (Halima⁶, viúva, 50 anos de idade, Bouderbala).

O salário das trabalhadoras é normalmente usado para sustentar crianças e famílias, para pagar aluguel, contas de luz e água e para comprar remédios. Mais da metade das 60 mulheres pesquisadas experimentaram dificuldades financeiras significativas durante o período de confinamento de março a julho de 2020 e tiveram dificuldades para sustentar seus filhos. O seu poder de compra básico, que já era baixo, foi reduzido mais ainda com o fechamento dos *souks* semanais, forçando-as a comprar alimentos em mercearias e lojas a um preço relativamente mais alto. A esse respeito, alguns dos testemunhos são pungentes:

“Os preços dos alimentos subiram! Eu não podia pagar o aluguel e já estava muito endividada na mercearia. O dono desta barraca em que vivo com meus filhos ameaçou jogar minhas coisas fora! Eu não tive outra escolha senão alimentar meus 3 filhos ou pagar o aluguel, água e eletricidade! Ninguém é sensível à minha situação, exceto Alá... É a fome que faz você morrer, não a doença” (Halima, viúva, 50 anos de idade, Bouderbala).

Um sentimento de medo e insegurança acompanhou a busca diária de trabalho no *mouquef* para a maioria das mulheres entrevistadas.

6 Os nomes das trabalhadoras foram alterados para resguardar o seu anonimato.

“Eu só trabalhava dia sim, dia não. Eu costumava me levantar de manhã com o coração pesado e ir até o mouquet com medo de ser presa pelos agentes da polícia que nos seguiam e, às vezes, até brigavam para desfazer as aglomerações. Quando voltei do trabalho, tinha ainda mais medo de trazer o vírus para casa e transmiti-lo aos meus quatro filhos” (Ghita, 40, viúva, Bouderbala).

O medo e o estresse foram aumentando devido à pressão da família e dos amigos, o que levou a problemas psicológicos.

“Todas as noites, quando eu voltava do trabalho, meu marido gritava comigo; ele dizia que, pelos dois centavos que você ganha, você vai trazer o vírus para casa. É difícil ter que passar por isso todos os dias” (Naima, casada, 36, Dlalha, Gharb).

Os problemas psicológicos se estenderam aos filhos de trabalhadoras agrícolas. Por exemplo, mais de 20 das 60 mulheres entrevistadas disseram que seus filhos sofreram de doenças ou distúrbios psicológicos (depressão, ansiedade, violência etc.) ou recorreram a práticas desviantes (alcoolismo, drogas etc.). Segundo elas, a precariedade e a estigmatização social que as crianças experimentam, particularmente as de mães solteiras, tornam suas condições de vida difíceis.

Além disso, o surto registrado em junho de 2020 em Lalla Mimouna criou uma polêmica sobre as condições de trabalho dessas mulheres e as medidas de proteção implementadas nas fazendas de morangos e unidades de empacotamento. Embora os gerentes afirmem que máscaras e géis hidroalcoólicos foram disponibilizados às trabalhadoras, as mulheres se manifestaram contra a negligência e a falta de controle durante os primeiros meses de propagação da pandemia.

“Nós tivemos que gritar para pedir máscaras de proteção, sabão e desinfetantes suficientes. Mas em vão: as autoridades só intervieram quando a situação se agravou em Lalla-Mimouna” (Sanae, 28 anos, solteira, zona costeira de Gharb).

As informações sobre a contaminação das 800 trabalhadoras de Lalla-Mimouna deram origem a um sentimento de medo e frustração entre as trabalhadoras de outras regiões agrícolas. Esse era o caso daquelas da região de Saiss que, apesar das informações divulgadas, não tinham conseguido parar de trabalhar na ausência de outras alternativas para obter uma renda decente para sua sobrevivência e, às vezes, a de suas famílias.

“Quando ouvimos falar do surto de Lalla Mimouna, tínhamos muito medo de ter o mesmo destino. Meus amigos e eu decidimos parar de trabalhar por um

tempo, mas não podíamos passar mais de três dias sem trabalhar. As contas podem esperar um pouco, mas as bocas para alimentar não suportam a fome. Precisávamos de farinha e gás para cozinhar. O que podemos fazer sem trabalhar? Também tive que economizar algum dinheiro para comprar as ovelhas para meus filhos. Chamamos o ‘caporal’⁷ para pedir trabalho e graças a Deus ninguém contraiu o vírus” (Drissia, 55, divorciado, 6 filhos, Bouderbala).

Diante de dificuldades financeiras, alguns trabalhadores foram obrigados a interromper a escolarização de seus filhos durante o período de confinamento devido à falta de meios de acesso ao ensino a distância (computador, smartphone etc.) ou de meios para pagar as recargas da Internet. Três estudantes femininas que trabalham em *mouquef* para ajudar suas famílias e financiar seus estudos expressaram os problemas de acesso ao ensino a distância:

“Minha família precisou muito mais do meu trabalho depois que minha mãe pegou corona. Eu tinha que ir a mouquef todos os dias. Eu deixei o meu telefone com os meus dois irmãos mais novos para que acompanhassem as suas aulas. Tive que adicionar taxas de recarga de internet às despesas da família. Tive de sacrificar o último semestre porque não tinha dinheiro para isso”.

Enquanto a maioria das trabalhadoras agrícolas trabalha em fazendas no Marrocos, outras tentam encontrar trabalho sazonal no sul da Espanha. De fato, a cada ano, milhares de trabalhadoras são selecionadas para contratos de trabalho sazonais em fazendas de morango em Huelva, no sul da Espanha. Essas mulheres devem atender a uma série de critérios: ter entre 25 e 40 anos de idade, ter filhos pequenos para garantir seu retorno ao lar no final da estação agrícola e ter experiência agrícola. Em 2020, 7.000 mulheres sazonais (de 16.600 selecionadas) puderam retornar às fazendas de produção e embalagem de morangos em Huelva antes do fechamento das fronteiras.

A ocorrência da crise sanitária, o confinamento e o fechamento das fronteiras comprometem a situação e o futuro dessa categoria de trabalhadoras agrícolas. As entrevistas com 10 trabalhadores sazonais que retornam de Huelva destacam seu sofrimento durante sua estada na Espanha.

“Eu vivi o início da pandemia e o período de confinamento nas fazendas de morangos em Huelva, Espanha. Foi uma sensação horrível de medo de morrer na Espanha longe das minhas filhas e da minha família. Eu tinha mais

⁷ Pessoa desempenhando um papel de capataz nas fazendas, ver Chattou (2019).

medo por minhas filhas muito jovens deixadas para trás no Marrocos. Eu falava com elas todos os dias e tinha medo de nunca poder encontrá-las. O medo se tornou mais agudo quando as fronteiras foram fechadas. Entretanto, continuamos a fazer nosso trabalho duro com a obrigação de desinfetar, lavar as mãos e usar uma máscara o dia todo. Quando voltamos à noite, só falávamos sobre a situação do corona no Marrocos. Continuamos trabalhando até junho, quando todas as unidades foram fechadas, mas não tínhamos notícias sobre nosso futuro e sobre a possibilidade de voltar ao Marrocos. A mídia só falou sobre as estatísticas da doença, mas não sobre a situação dos marroquinos encalhados na Europa e nunca sobre nós. Eu chorava o tempo todo, sentia falta do cheiro dos meus filhos e do meu país, especialmente quando Aid Lkbir⁸ se aproximava. Ficamos assim esperando até 15 de julho, quando a esperança foi restaurada com o início dos testes para o retorno ao Marrocos” (Khadija, 37, casada, Ain Felfel, Gharb).



Foto 2. Trabalhadoras agrícolas deixando fazendas de morango para o caminhão de transporte, região de Gharb (foto de Z. Bouzidi, 2018).

As estratégias de adaptação

As restrições impostas durante a pandemia às concentrações de pessoas no *mouquef* e aos veículos de transporte foram compensadas por muitas estratégias de adaptação. Os transportadores começaram a recolher trabalhadores diretamente dos vilarejos em vez de do *mouquef*. Alguns confidenciaram que, às vezes, eram obrigados a contornar as estradas para evitar pontos de controle ou não declarar o número real de trabalhadores aos policiais.

8 N.T.: Aïd el-Kébir, ou Aïd al-Adha, é uma festa celebrada todos os anos por muçulmanos em todo o mundo. Segundo a tradição muçulmana, ela comemora o sacrifício que Deus pediu a Abraão para testar sua fé. Esse festival, que reúne as famílias, é um momento importante de partilha e convívio.

As trabalhadoras que tinham as suas redes de contatos com corporações, empregadores etc. recebiam chamadas telefônicas para o trabalho. É assim que elas puderam garantir dias de trabalho durante todo o período de confinamento, sem serem obrigadas a ir ao *mouquef* e se exporem ao controle das autoridades. Por medo de contaminação no transporte, algumas preferiram ir para as fazendas próximas ao local onde moravam. As outras trabalhadoras continuaram a viajar para o *mouquef*, permanecendo vigilantes às medidas impostas pelas autoridades.

As mulheres mais velhas lamentaram a prioridade dada às meninas jovens para o recrutamento no *mouquef*:

“Vejam como estas garotas se vestem e se maquam! Eles usam meias-calças apertadas e aventais abertos e apertados. Os empregadores não querem mais mulheres velhas como eu. Às vezes, eu espero várias horas no mouquef apenas para voltar de mãos vazias no final do dia! As mulheres mais jovens têm todos telefones e recebem chamadas, mas não nós!” (Rquia, 58 anos, casado, Ain Taoujdat).

Admitindo o assédio e o flerte aos quais elas podem ser expostas, as jovens apontam para a seletividade do recrutamento em favor de meninas mais jovens que são percebidas como mais dinâmicas e enérgicas, especialmente se elas são mais atraentes fisicamente e, às vezes, aceitam avanços de funcionários e patrões. As mulheres mais velhas têm mais chances se já forem conhecidas em termos de desempenho e experiência pelo recrutador. A negociação do preço diário, às vezes, direciona a escolha para aquelas que aceitam mais facilmente o que é oferecido, especialmente em uma situação de crise, ou para aquelas que podem trazer de volta um grupo de trabalhadoras que concordam em trabalhar sob as mesmas condições.

Além disso, enquanto a maioria dos trabalhadores continuava a trabalhar durante a crise de saúde, alguns pararam por solicitação de seus parentes. Esse é o caso de Chama (50, solteira, Bouderbala) e suas irmãs, que foram proibidas de trabalhar por seu irmão que vivia na Espanha.

“Meu irmão, que está trabalhando na Espanha há três anos, obrigou-nos a abandonar o trabalho no mouquef durante a Corona. Ele costumava nos enviar ordens de pagamento mensais para toda a família, de mais de doze pessoas. Estava fora de questão expor as suas irmãs mais velhas, que trariam para ele risco de contaminação e morte enquanto ele ainda trabalhava para nós”.

Além das redes de solidariedade familiar, houve o apoio de associações e benfeitores, que aumentaram em número, particularmente durante os períodos do Ramadã e d’Aid. Assim, das 60 mulheres entrevistadas, 28 se beneficiaram

de cestas de alimentos distribuídas às famílias carentes. Além disso, 6 delas receberam ovelhas para o festival d'Aid. Da mesma forma, a ajuda pública prevista no âmbito do fundo para combater o vírus permitiu que 14 mulheres se beneficiassem do auxílio reservado para o setor informal (6 mulheres) e para as famílias que recebem RAMED (8 mulheres). O montante previsto para três meses variava entre 800 e 1200 dh, dependendo do tamanho do lar.

“Graças a Deus, consegui passar o período de confinamento com a ajuda de benfeitores que me forneceram cestas de alimentos durante o Ramadan e o Aid. Meu irmão me comprou as ovelhas para Aid e eu recebi 1000 dh em ajuda da RAMED três vezes. Também usei a bolsa universitária de primeiro ano de minha filha para despesas familiares. Com a ajuda do Estado, paguei o aluguel, as contas, comprei roupas para minhas duas filhas e comprei para Aid” (Aicha, 40 anos, divorciada, 2 filhas, Sebaa Ayoun).

Entretanto, a maioria das trabalhadoras entrevistadas lamentou a falta de acesso à ajuda, pois não tinham um cartão RAMED ou CNSS. Nenhuma das mulheres entrevistadas era filiada ao CNSS, e apenas 8 delas (4 casadas, 2 viúvas e 2 divorciadas) tinham RAMED elas mesmas ou por meio dos seus maridos. A maioria das trabalhadoras lamentou a distribuição desigual da ajuda durante o período de confinamento, o que excluiu muitas mulheres carentes, particularmente mães solteiras.

Diante da falta de meios para pagar o aluguel e as contas de eletricidade e água etc., algumas trabalhadoras foram forçadas à pluriatividade, realizando trabalhos alternativos geradores de renda (venda de alvejante, venda de pão e bolos durante o Ramadan, trabalhos domésticos) ou a contrair empréstimos de membros da família, merceeiros etc.

“Antes da Corona, eu costumava trabalhar por até 150-200 dh por dia. Com a Corona, fui forçado a trabalhar por 70 dh e, como não tinha amigos funcionários, era difícil garantir trabalho todos os dias. Eu cuido de minha mãe doente e de seus remédios. Eu me afoguei em crédito por comida na mercearia, aluguel, eletricidade. Trabalho em mouquef há mais de 20 anos e minha situação e minha moral estão ficando cada vez piores” (Mina, 49 anos, divorciada, Sebaa Ayoun).

A prostituição é uma atividade econômica bastante presente no meio do trabalho assalariado agrícola. Em alguns casos, essa atividade é mobilizada como uma estratégia para negociar o trabalho agrícola e suas condições. O trabalho agrícola proporciona anonimato às mulheres de várias regiões do Marrocos e

lhes permite criar legitimidade e identificação com essas mulheres que nunca se definem como prostitutas, mas sim como trabalhadoras agrícolas. A prostituição tem continuado, mesmo em tempos de crise, para permitir que algumas trabalhadoras, particularmente mães solteiras, vivam com seus filhos, apesar do forte estigma que as envolve.

“Depois que minha mãe morreu, minha madrasta me tratou como uma criada e eu fugi aos 15 anos de idade para Casablanca, onde trabalhei na prostituição. Eu dei à luz um menino e depois me uni a um amigo em Bouderbala que trabalhava no mouquef e na prostituição. Aqui há muitas mães solteiras e prostitutas; eu senti mais respeito aqui do que em qualquer outro lugar. Às vezes, trabalho no mouquef, mas frequentemente como garçonne no café (exceto durante o confinamento) ou na prostituição para sustentar meu filho e comprar meus cigarros! (Khawla, 22 anos de idade, Bouderbala).

A estigmatização das trabalhadoras agrícolas as obriga a desenvolver muitas estratégias para criar legitimidade (Bossenbroek, 2019) e para lidar com um ambiente social esmagador. As trabalhadoras geralmente usam um véu espesso e opaco que cobre o rosto com uma tampa em cima que revela discretamente seus olhos e seu olhar vazio (Bouzidi e Arab, 2020). Elas se referem a si mesmas como tal e são conhecidas como “mulheres ninja”.

O véu oferece proteção contra pesticidas e o Sol, mas também proteção contra o olhar estigmatizante que tende a assimilar as trabalhadoras a prostitutas ou mulheres promíscuas (ibid). Por meio do véu, algumas trabalhadoras tentam não ser reconhecidas. Assim, observamos que muitas trabalhadoras usam um apelido para evitar mostrar sua verdadeira identidade e para garantir a mobilidade entre as zonas agrícolas, preservando ao mesmo tempo o seu anonimato.

Finalmente, outras trabalhadoras disseram que haviam esgotado suas modestas economias ou vendido seu pequeno gado (galinhas ou ovelhas) para pagar as despesas do mês ou procuraram refúgio com suas famílias em suas regiões de origem.

Discussão e conclusão

Trabalho essencial para os trabalhadores essenciais

Apesar da redução nas oportunidades de trabalho e do risco comprovado de contaminação, a maioria dos trabalhadores continuou a trabalhar para sobreviver e alimentar as suas famílias. Para muitos trabalhadores, o período pré e pós-corona não mudou a sua situação precária.

“Com ou sem Corona, tenho que trabalhar; se não, morro de fome” (Fatiha, 55).

O sonho de ser selecionado para trabalhar na Espanha continua apesar dos relatos de agressões nas fazendas em Huelva e do risco de fechamento das fronteiras aéreas e marítimas.

“Meu marido estava muito relutante em me deixar voltar à Espanha, especialmente com os rumores de um segundo período de confinamento e o fechamento das fronteiras. Ele tinha medo que eu ficasse preso como da última vez. Mas consegui convencê-lo de que essa é a única maneira de garantir uma boa quantia de dinheiro para nosso futuro e para nossos filhos” (Khadija, 37, Ain felfel, Gharb).

O trabalho agrícola é essencial para essa população particularmente precária, que não tem outras alternativas. Mas, muitas vezes, esquece-se que esses trabalhadores também são essenciais para manter a atividade agrícola e nosso abastecimento alimentar (Árabe e Bouzidi, 2020). A crise sanitária revelou a centralidade dos trabalhadores agrícolas como “trabalhadores essenciais” para garantir a segurança alimentar.

Na Europa, a crise sanitária revelou a importância da mão-de-obra estrangeira nos sistemas de produção de alimentos. Muitos países europeus tiveram que mudar as restrições de transporte aéreo e marítimo para salvar o campo agrícola, trazendo mão-de-obra estrangeira durante o período de confinamento. Esse é o caso no Reino Unido, onde normalmente mais de 90% dos trabalhadores sazonais agrícolas são de origem estrangeira.

Nesse contexto, onde a produção intensiva exige “a importação de mulheres para a exportação de morangos” (Hellio, 2008), é preciso reconsiderar as condições de trabalho, os direitos sociais e o “custo amargo” das frutas e legumes (Árab e Bouzidi, 2020) que enfeitam as prateleiras dos supermercados europeus. A situação dos trabalhadores agrícolas no Marrocos ou na Europa lembra a observação do antropólogo americano David Graeber em seu livro “*Bullshit jobs*” (2018), de que os empregos mais úteis para a sociedade são os menos remunerados e menos reconhecidos.

Repensando o lugar das mulheres trabalhadoras rurais nas políticas públicas

A crise sanitária acentuou a luta diária das trabalhadoras agrícolas em fazendas, *mouquefs*, meios de transporte, unidades de embalagem etc. A maioria dessas trabalhadoras não tem cobertura de seguridade social e estão expostas a múltiplos riscos no dia-a-dia: acidentes de trabalho, contaminação, estupro e

assédio. O *mouquef* continua abrigando essa população vulnerável (mães solteiras, prostitutas, mulheres abandonadas por seus cônjuges) e a lhes proporcionar o anonimato e um meio de subsistência. O coronavírus revelou a vulnerabilidade dessa categoria social, mas também sua capacidade de resiliência, que se torna possível essencialmente pela mobilização das diversas redes de solidariedade (família, benfeitores, associações etc.) que estiveram ativas durante essa crise.

A organização dos circuitos do trabalho agrícola é mais necessária do que nunca no contexto da crise, o que exige que se repensem as condições de trabalho das mulheres, seu acesso ao seguro e à seguridade social e a sua proteção contra todas as formas de agressão. Além disso, no Marrocos, o Salário Mínimo Agrícola (SMAG) permanece abaixo do SMIG.

Embora a formalização da mão-de-obra agrícola predominantemente sazonal e diária pareça difícil de implementar, o reconhecimento dos direitos dos trabalhadores é essencial, como demonstrou o contexto da crise sanitária.

Em setembro de 2020, o governo buscou generalizar a cobertura social por meio da universalização do seguro de saúde obrigatório (AMO). Isso abrange apenas 7 milhões de pessoas declaradas no setor privado (CNSS) e 3 milhões no setor público cobertas pela Caisse Nationale des Organismes de Prévoyance Sociale (CNOPS). A transição de um sistema de assistência médica (RAMED) para um esquema de seguro de saúde obrigatório deve incluir como prioridade as categorias sociais mais carentes, tais como trabalhadoras agrícolas e mães solteiras e seus filhos. Quando as crianças não têm documentos oficiais, elas ficam sem escolaridade, sem futuro, sem ajuda e expostas à delinquência, estigmatização e problemas psicológicos.

O controle de toda a cadeia de trabalho e o respeito às medidas de prevenção e higiene são essenciais, particularmente nas grandes unidades de produção e embalagem de frutas e vegetais que concentram uma grande força de trabalho (Bouzidi, 2020). O transporte e as condições de trabalho devem ser drasticamente controlados e reconsiderados, como a crise sanitária nos lembrou.

Referências:

- ARAB, Chadia; BOUZIDI, Zhour. Le coût amer des fruits : la galère des ouvrières au Maroc et en Espagne face au Covid-19. *The conversation*, 10 juin. 2020.
- ARAB, Chadia. *Dames de fraises, doigts de fée, les invisibles de la migration saisonnière marocaine en Espagne*. En toutes lettres, Casablanca, 2018.
- BELLARBI. Coronavirus à LallaMimouna: les responsables des unités incriminées seront poursuivis. *Le 360*, édition du 22 juillet. 2020.

- BOSSENBROEK, Lisa Année. Les ouvrières agricoles dans le Saïss au Maroc, actrices de changements sociaux? *Alternatives Rurales*, 7, 2019.
- BOUZIDI, Zhour; ARAB, Chadia. Le combat des ouvrières agricoles au Maroc et en Espagne face au coronavirus. *Site Yabiladi*, 15 mai. 2020.
- BOUZIDI, Zhour; EL NOUR, Saker; MOUMEN, Wided. Le travail des femmes dans le secteur agricole: Entre précarité et empowerment. Cas de trois régions en Egypte, au Maroc et en Tunisie. *Gender and Work in the MENA Region Working Paper*, n. 22. Cairo: Population Council, 2011.
- BOUZIDI, Zhour. Covid-19 chez les ouvrières agricoles: l'éclairage de Zhour Bouzidi. *Site Medias24*, 2020.
- CHATTOU, Zoubir. La gestion « caporaliste » du travail salarié agricole dans l'agriculture capitaliste au Maroc. *Alternatives Rurales*, 7, 2019.
- GRAEBER, David. *Bullshit Jobs: A Theory*. Editions Les Liens qui Libèrent, 2018.
- HELLIO, Emmanuelle. Importer des femmes pour exporter des fraises (Huelva). *Etudes rurales*, Paris: Éditions de l'École pratique des hautes études, 2008.
- NIETO, Juana Moreno. «Faut-il des mains de femmes pour cueillir les fraises ?» *Dynamique de la gestion de la main-d'oeuvre et du travail dans le secteur fraisier du périmètre irrigué du Loukkos (Maroc)*. Les Etudes et Essais du Centre Jacques Berque, n. 11 – Décembre (Rabat – Maroc), 2012.
- SAIH, Y. Coronavirus/Maroc: Les dessous du scandale sanitaire de LallaMimouna. *Site Hespress*, 19 juin. 2020.

Recebido em: 11/03/2022

Aprovado em: 23/05/2022

Como citar este artigo:

BOUZIDI, Zhour e ABDELLAOUI, El Hassane. “É a fome que te faz morrer, não a doença!” As trabalhadoras agrícolas entre o martelo da precariedade e a bigorna da COVID-19: impactos e estratégias de sobrevivência. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 12, n. 1, janeiro - abril 2022, pp. 151-167.